



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS E
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Juliana Aparecida Thomazi Samoura

Resgate audiovisual do livro *Ascetério*, de Araújo Figueiredo: A importância das mídias na popularização da literatura catarinense

Florianópolis
2019

Juliana Aparecida Thomazi Samoura

Resgate audiovisual do livro *Ascetério*, de Araújo Figueiredo: A importância das mídias na popularização da literatura catarinense

TCC/Relatório submetido ao Programa de Especialização em Linguagens e Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientador: Prof. José Ernesto Vargas, Dr.

Coorientador: Prof. Patrícia Leonor Martins, M.a.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Samoura, Juliana Aparecida Thomazi
Resgate audiovisual do livro Ascetério, de Araújo
Figueiredo: : A importância das mídias na popularização da
literatura catarinense / Juliana Aparecida Thomazi
Samoura ; orientador, José Ernesto Vargas, coorientadora,
Patrícia Leonor Martins, 2019.
49 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Letras. 3. Linguagens e Educação a Distância . 4.
Literatura Catarinense. 5. Mídias e Novas Tecnologias. 6.
Livro Ascetério, de Araújo Figueiredo. I. Vargas, José
Ernesto . II. Martins, Patrícia Leonor. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-Graduação em Linguagens e
Educação a Distância. IV. Título.

Juliana Aparecida Thomazi Samoura

Resgate audiovisual do livro *Ascetério*, de Araújo Figueiredo: A importância das mídias na popularização da literatura catarinense

O presente trabalho em nível de Especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Elaine Cristina Reis, Dr.(a)
CED -SC

Prof.(a) Charles Vitor Berndt, M.(e)
UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de especialista em Linguagens e Educação a Distância do curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância.

Prof.(o) Celdon Fritzen, Dr.
Coordenador(a) do Programa

Prof.(a) José Ernesto Vargas, Dr.
Orientador

Prof.(a) Patrícia Leonor Martins, M.(a)
Coorientador(a)

Florianópolis, 2019.

Este trabalho é dedicado à minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus.

Agradeço ao meu orientador Dr. José Ernesto Vargas e a minha Coorientadora Professora Ma. Patrícia Leonor Martins por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

A todos os meus professores do curso de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, pela excelência da qualidade técnica de cada um.

À minha mãe Emirene Thomazi Samoura que sempre esteve ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória, e ao meu pai João Carlos Samoura in memoriam.

Às minhas filhas amadas Maria Eduarda Samoura da Silva e Ana Luiza Samoura da Silva que sempre estão ao meu lado.

Aos meus colegas de projeto, Jorge A. dos Santos e Mariéli Renata dos Santos pela companhia e apoio nessa jornada.

RESUMO

A divulgação midiática atualmente se consolida como importante ferramenta para conhecimento de livros e autores, por ser de fácil e rápido acesso. O projeto midiático teve como objetivo o desenvolvimento e a criação de suporte de divulgação midiática com o intuito de divulgação e compartilhamento textos vinculados a Literatura Catarinense. Nesses termos, foram produzidos vídeos das poesias contidas no livro *Ascetério*, do poeta catarinense Araújo Figueiredo e posteriormente disponibilizadas na plataforma do *Youtube*.

Palavras-chave: Araújo Figueiredo, Ascetério, Literatura catarinense, Criação midiática.

ABSTRACT

Media dissemination is currently consolidating itself as an important tool for knowledge of books and authors, as it is easily and quickly accessed. The media project had as objective the development and the creation of media dissemination support in order to disseminate and share texts linked to Santa Catarina Literature. In these terms, videos were produced of the poetry contained in the book *Ascetério*, by Santa Catarina poet Araújo Figueiredo and later made available on the Youtube platform.

Keywords: Araújo Figueiredo, *Ascetério*, Santa Catarina Literature, Media Creation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: Breve histórico da literatura catarinense	15
CAPÍTULO 2: Araújo Figueiredo: um escritor catarinense	18
2.1. Sobre a obra Ascetério.....	27
CAPÍTULO 3: Produção Midiática: Araújo Figueiredo.....	34
CAPÍTULO 4: Considerações sobre o processo de construção do projeto midiático: acadêmica Juliana Aparecida Thomazi Samoura	38
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

A memória literária constitui base preponderante para os estudos culturais de um determinado povo. Ao estudar sobre a Literatura Catarinense, parte-se do princípio que o fazer literário nada mais é do que uma imitação e imaginação da própria vida cotidiana do autor, do tempo histórico, da cultura e da leitura de mundo que possui.

Estudar a literatura catarinense é estudar um recorte da sociedade e da época na qual a obra foi criada, bem como, analisar o modo como se relaciona a cultura literária dentro do contexto do estado de Santa Catarina. Desta feita, a memória e identidade de um povo estão escancaradas, às vezes de forma a criar verossimilhança com a realidade, às vezes de forma inverossímil (HALL, 2006; LE GOFF, 1996).

Altino Flores¹, escritor catarinense, que sempre procurou se posicionar como crítico literário, também procurou refletir sobre a função e a importância da atividade literária no que se refere à Santa Catarina, dividindo em sua época, a literatura catarinense antes da República em três grupos distintos, os velhos, os novos e os novíssimos escritores. Dos denominados velhos, seu maior expoente foi, segundo o autor, o poeta Cruz e Sousa. (JUNKES, 2006, p.8).

Ainda sobre a literatura catarinense, Altino Flores (JUNKES, 2006), tece críticas ferrenhas aos escritores catarinenses, que nascidos nessa terra optavam por deixá-la para morar em grandes centros urbanos de outros estados, como por exemplo, o Rio de Janeiro, e que em seus escritos acabavam por não escreverem sobre sua terra de origem.

No entanto, alguns dos escritores permaneceram em Florianópolis, dentre os citados por Altino Flores, temos o escritor Araújo Figueiredo, que é o foco de nosso trabalho. Encontramos um comentário sobre Araújo Figueiredo, em que Altino Flores critica a postura do escritor Santos Lostada² por não ser um dos propagadores e defensor da literatura catarinense: “um, que, como

¹ **Altino Corsino Da Silva Flores** (1892-1983), foi um escritor e crítico literário catarinense, sendo também fundador da Associação Catarinense de Imprensa e idealizador da Academia Catarinense de Letras.

² **Manuel dos Santos Lostada** (1860-1923), foi um político, jornalista e poeta catarinense.

Araújo Figueiredo, devia estar à frente do nosso movimento intelectual e no entanto se recusou a prestar o seu valiosíssimo apoio à Santa Catarina, é Santos Lostada” (Junkes, 2006, p. 26).

De modo geral, é observado que a literatura catarinense é destinada a um pequeno nicho de historiadores e críticos literários, não alcançando expressão nacional, sendo que, nas bibliotecas escolares do próprio estado há pouca presença de livros de autores catarinenses. Segundo Cruz (2018, p. 66), "A literatura catarinense é pouco explorada na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. No campo da Literatura, as definições sobre o tema não estão consolidadas".

Ao pesquisarmos na internet sobre escritores catarinenses para compor nosso trabalho, observamos que existem poucas páginas, artigos e vídeos destinados à literatura catarinense na rede. Foi essa falta de divulgação e propagação da literatura catarinense na internet, o que nos trouxe o anseio de por meio das novas tecnologias de mídias sociais, desenvolver um modo de possibilitar que mais pessoas tenham acesso a esse autor e esse conteúdo em particular.

Podemos dizer que na atualidade, as mídias sociais e a internet podem ser excelentes ferramentas para a divulgação de materiais referentes à literatura catarinense. Na elaboração de nosso projeto midiático optamos por nos utilizar dessas mídias para realizar a divulgação da obra *Ascetério*³, do autor catarinense Araújo Figueiredo.

Desta feita, o resgate audiovisual do livro *Ascetério*, de Araújo Figueiredo, foi escolhido, com base na sua relevância dentro do panorama da literatura catarinense, bem como na quase inexistência de projetos de divulgação dos poemas do autor em locais virtuais como o *Youtube*⁴, que atualmente se configura como importante ferramenta midiática, pedagógica e discursiva.

³ Um lugar dedicado para se ter uma vida ascética, de meditação e oração, convento, mosteiro.

⁴ Plataforma de compartilhamento de vídeos pela internet criada em 2005.

Tal trabalho torna-se suporte para o entendimento das inúmeras relações que se estabelecem em nosso meio sócio histórico e cultural, pois as mídias de informação são grandes colaboradoras tanto na formação de público como também servindo de ponto de partida para o desenvolvimento de um novo enfoque da poesia catarinense, possibilitando a descoberta de uma nova identidade literária e a formação de novos leitores.

Portanto, o resgate em audiovisual do livro *Ascetério*, de Araújo Figueiredo é relevante para a divulgação da literatura catarinense, bem como do autor, dentro do panorama da utilização de novas tecnologias de informação no ensino da literatura, contribuindo também para a análise das principais características literárias desta obra.

Para a concretização do nosso trabalho foram realizadas duas etapas distintas, sendo que em ambas as etapas houve efetivo comprometimento dos integrantes do grupo do projeto midiático. Na primeira etapa, de caráter bibliográfico, foi abordado a vida e obra do poeta catarinense Araújo Figueiredo, bem como, da obra que será enfocada, *Ascetério*. Na segunda etapa, que teve caráter de aplicação, foi construído material audiovisual na forma de vídeos com declamações dos poemas da obra, que posteriormente foram postados em mídias sociais, como o *Youtube*, de modo a promover a divulgação da obra.

Nessa perspectiva, diante da grande importância da literatura para a formação da identidade de um povo, bem como da transformação do homem, torna-se mais evidente o fato de que o trabalho com a literatura é fundamental não só para formar leitores, mas também para formar cidadãos conscientes, críticos e protagonistas de mudanças sociais.

Nesse sentido, como já descrevemos, sabemos que a Literatura Catarinense ainda é pouco conhecida e estudada, tendo pouco material disponível nas próprias escolas do estado, ficando relegado seu conhecimento a alguns poucos estudiosos da área de Letras e Literatura e, no ensino regular, citada geralmente dentro do movimento simbolista, devido ao poeta Cruz e Sousa ser o maior representante dessa escola literária. Muitas vezes não

estando presente no Plano de Ensino das escolas do próprio estado o ensino e aprendizagem da Literatura Catarinense (CRUZ, 2018).

Concluindo, com o aumento do acesso da população às ferramentas tecnológicas de mídia e informação, surge a possibilidade de aumentar a visibilidade da população em geral das produções literárias catarinenses, seja através de filmes, vídeo aulas, *podcast*⁵, *blogs*⁶, *audiobooks*⁷, resenhas de *booktubers*⁸, etc. Desse modo, a literatura catarinense deve se apropriar dessas novas tecnologias para ampliar seu raio de ação e aumentar sua relevância dentro do cenário nacional, possibilitando o acesso e divulgação de obras e autores catarinenses junto ao grande público.

⁵ Arquivo digital de áudio transmitido através da internet, cujo conteúdo pode ser variado, normalmente com o propósito de transmitir informações.

⁶ Blog ou caderno digital é uma página da Web, cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos de tamanho variável, chamados artigos, ou "posts".

⁷ Gravação do conteúdo de um livro narrado em voz alta,

⁸ Pessoa cujo canal do YouTube é voltado para crítica e resenha de livros.

CAPÍTULO 1: Breve histórico da literatura catarinense

Sobre a história de Santa Catarina e sua produção escrita, podemos afirmar que até por volta do século XVIII tínhamos como pontos de povoamento a Ilha de São Francisco do Sul e a Ilha de Santa Catarina, que serviam como porto de abastecimento de água, madeira e alimentos para embarcações espanholas que se dirigiam em direção a Buenos Aires, na Argentina (CECCA, 1997). Partindo desse pressuposto, podemos dizer que não havia ainda uma literatura genuinamente catarinense, sendo que, nesse período os únicos escritos em terras catarinenses eram relatos de viajantes que por aqui passavam e descreviam a Ilha de Santa Catarina como um lugar de paisagens exuberantes, com indígenas amistosos, onde era possível guarnecer os navios com víveres, frutos frescos, além de água e madeira.

Nesses moldes, podemos citar os primeiros relatos de viagens de navegadores como Frezier, Anson, La Perouse; de cientistas como Langsdorf, Lesson, que nos permitem observar o próprio desenvolvimento e crescimento do povoamento da ilha de Santa Catarina, inicialmente contando com poucos habitantes em 1712, até se tornar uma cidade comercial e portuária de certa relevância em 1828 (HARO, 1990, p.143).

É apenas em meados de 1800, que temos o início daquilo que viria a se tornar a literatura catarinense e não apenas a literatura feita em Santa Catarina ou sobre Santa Catarina. Dentre esses primeiros escritores, podemos citar: Ana Luísa de Azevedo Castro, nascida em São Francisco do Sul, que publica na forma de folhetim, no ano de 1858 o livro *D. Narcisa de Villar*, que detém o título de primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil, Marcelino Antônio Dutra, nascido em Desterro, que escreve a *Assembleia das aves*, considerada a primeira obra literária de um autor catarinense, porém pouco ainda se produzia em Santa Catarina (CORRÊA, 1997, p. 47 – 69).

O que acabou por ocasionar uma mudança nesse paradigma cultural foi a chegada na Província de Santa Catarina no final dos anos de 1880, de um

novo governador vindo da Europa chamado Gama Rosa⁹, com ideias inovadoras que possibilitou a criação de um Grupo Intelectual que foi denominado "Ideia Nova¹⁰", tido como "um dos momentos mais importantes do desenvolvimento da inteligência catarinense" (CORRÊA, 1997, p.48).

O Governador e poeta Gama Rosa, chamou para fazer parte de seu grupo de intelectuais os jovens escritores Virgílio Varzea, Santos Lostada, Cruz e Sousa, tido como o maior expoente da literatura catarinense e maior poeta simbolista do Brasil e Araújo Figueiredo, que é o foco de nosso trabalho.

Segundo Corrêa (1997), depois da quase totalidade desses escritores deixarem Santa Catarina e partirem para o Rio de Janeiro, bem como das turbulências políticas do final da década de 1880, quando o Estado se envolve na Revolução Federalista e a capital da província passa a se chamar Florianópolis em homenagem a Floriano Peixoto há uma severa retração na produção literária catarinense.

Esse quadro só vai se modificar após a criação da Academia Catarinense de Letras, fruto em grande parte da obstinação de Othon Gama D'Eça¹¹, que até a década de 1940 a Academia Catarinense de Letras, com seu conservadorismo, ditava as diretrizes da cultura em Santa Catarina (D'EÇA, 2003).

Tivemos a partir de 1946 o surgimento de jovens escritores que se reuniram com a finalidade de organizar um novo movimento cultural em Santa Catarina que fosse um contraponto ao que existia até aquele momento. Para divulgar suas ideias criavam pequenos jornais locais como *Folha da Juventude* (1946 - 1947); *Cicuta* (1947) e a Revista *SUL* (1948 a 1957).

⁹ **Francisco Luís da Gama Rosa Júnior** (1851-1918), foi um jornalista, poeta e político rio-grandense. Foi governador da província Santa Catarina entre os anos 1883 e 1884 e da Paraíba de julho a novembro de 1889. Era grande entusiasta e fomentador da cultura e da literatura, sendo incentivador e financiador do grupo literário catarinense "Ideia Nova".

¹⁰ Grupo de intelectuais reunido em torno de Gama Rosa, presidente da província de Santa Catarina a partir de 1883, considerados precursores do Realismo na literatura local.

¹¹ **Othon da Gama Lobo d'Eça** (1892-1965), foi um advogado, jornalista e poeta catarinense. Foi um dos autores da "renovação cultural" dos anos 1920 em Florianópolis e fundador da Academia Catarinense de Letras.

Na década de 1960, Lindolf Bell liderou um Movimento chamado *Catequese Poética*, que tinha como objetivo levar poesia às ruas por meio de recitais, camisetas, panfletos, cartões, etc. Atualmente, o que temos são principalmente iniciativas individuais de produção literária, citamos como exemplo o escritor Amilcar Neves, dentre outros.

CAPÍTULO 2: Araújo Figueiredo: um escritor catarinense

O poeta Juvêncio de Araújo Figueiredo nasceu em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, no dia 27 de setembro de 1865:

Numa casa de esquina da rua dos Artigos Bélicos com a rua Tronqueira, hoje respectivamente Victor Meirelles e rua Gal. Bittencourt. Eram seus pais: Luiz e Florisbela de Araújo Figueiredo, ele alto funcionário da Fazenda Provincial e Provedor da Irmandade do Senhor dos Passos e Hospital de Caridade (JUNKES, 1987, p.43).

Em dezembro de 1964, ano anterior ao seu nascimento, eclodiu a Guerra do Paraguai¹² (1864-1870), tal evento fez parte dos primeiros anos de Araújo Figueiredo e de sua família, uma vez que os estados do sul estavam ativamente engajados por sua proximidade com o conflito. Segundo Wegner (2010, p.15):

A posição geográfica de Santa Catarina fez com que a Província fosse um ponto importante na condução de recursos e tropas para o conflito na região do Rio da Prata. A Província não foi apenas um local de parada para os batalhões enquanto esperavam ser deslocados ao seu destino final. No quartel do Campo do Manejo, muitos recrutas ficaram aquartelados para receber instrução militar. Além do treinamento convencional, durante o conflito foi criada uma escola de cornetas e tambores, para suprir as carências do exército em operação. Santa Catarina também foi um dos locais que recebeu e tratou dos doentes e feridos oriundos da guerra (WEGNER, 2010, p.15).

Nesse período a família de Araújo Figueiredo possuía algumas posses decorrente dos investimentos de seu pai, porém, não era abastada. Por volta de 1870, mesmo ano do fim da Guerra do Paraguai, quando o poeta estava com cerca de 5 anos, seu pai perdeu as casas que possuía e a família empobreceu, tendo que se mudar para uma pequena e modesta casa na localidade de Coqueiros, na parte continental de Nossa Senhora do Desterro, junto ao estreito que separa a Ilha do Continente (FIGUEIREDO, 2008). Para o pequeno poeta foram tempos de alegria, como o próprio autor descreve em seu livro de memórias, "No Caminho do Destino":

¹² Maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai. A guerra estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870, com vitória da Tríplice Aliança.

Bendita manhã de maio, essa em que eu, em companhia de meus pais e de um casal de irmãos, transportei-me, do emparedamento de uma casa, embora confortável, à largueza dos campos, com todos os seus maravilhosos encantos e saudável ambiente. Pertencia à minha tia Felicidade, uma velhinha solteira, a casa que fomos habitar, nesse aprazível Coqueiros, construída no ano de 1808, pelo meu avô materno. Era uma casa de pau-a-pique, coberta de telhas com três janelas de frente e uma porta em cada lado, casa essa que se erguia em leve planalto. Rodeavam-na um imenso laranjal, muitas parreiras de vinhas, muitos marmeleiros e grandes árvores de sombras acariciantes e amigas. Casa de campo lavrado, continha, aos fundos, um enorme engenho de farinha, onde passávamos os dias brincando, quando o sol faiscante ou a chuva não nos permitiam uma fugida ao terreiro ou às largas estradas que cortavam as terras culturais desse sítio agreste, impregnado de aromas virgens, à margem de um riacho quieto e cristalino (FIGUEIREDO, 2008, p. 7).

Instalado com sua família na casa da tia em Coqueiros, a família passa dificuldades após o pai Luiz de Araújo Figueiredo deixar a Tesouraria da Fazenda Provincial, da qual era tesoureiro, e ter que retirar o sustento de sua família cultivando as terras do sítio, trabalho no qual não possuía nenhuma experiência (FIGUEIREDO, 2008).

Ainda segundo o autor FIGUEIREDO (2008), quando tinha por volta de sete anos de idade, Araújo Figueiredo foi acometido de uma grave enfermidade, que prejudicou-lhe os membros locomotores e o enfraqueceu, quase o vitimando. Segundo o próprio autor, a enfermidade foi sanada graças aos remédios e chás fabricados por seu pai e sua tia Felicidade, ambos estudiosos das ervas e remédios indígenas.

O autor conhece Cruz e Sousa quando tinha 6 anos e ele 8, na época estudava as primeiras letras em casa da professora Camila, à rua dos Ilhéus, hoje Visconde de Ouro Preto (FIGUEIREDO, 2008).

Aos nove anos ingressa em companhia do irmão mais jovem Luís, numa escola provisória, regida pelo professor Lúcio de Camargo. Foi onde deu continuidade ao estudo das primeiras letras. Dessa escola provisória, foi matriculado em uma escola particular em Coqueiros:

Aí estive dois anos, saindo para dar entrada numa escola particular, nos Coqueiros, cujo professor era de um atraso incrível, ensinando-nos apenas a tabuada, que era cantada em coro, numa voz estridente que se ampliava até longe, pelas quebradas. Nada aprendi, pois, nestas duas escolas, as mais por mim frequentadas, mas não deixei de, pela minha dedicação e comigo apenas, estudar seguidamente, valendo-

me dos livros velhos que encontrava ou me caíam às mãos por empréstimo, passando horas inteiras, e às vezes, noites, a lê-los e relê-los com tenacidade (FIGUEIREDO, 2008, p. 9).

Quando contava com quinze anos de idade, sua mãe Florisbela de Araújo Figueiredo morre. Ela torna-se a inspiração para os primeiros versos do poeta que são publicados num periódico denominado *A Regeneração* (1968-1889), comandado pelo Partido Liberal Catarinense, publicando atos oficiais do governo, discursos políticos, e, também, difundindo valores sobre a educação, cultura, música, comportamento ético e moral, sob uma perspectiva liberal. O periódico tinha como gerente Alexandre Margarida, que viria a ser um grande amigo do poeta (FIGUEIREDO, 2008).

Na mesma época, Araújo Figueiredo havia participado de aulas noturnas de desenho de Manoel Margarida, pois tinha vocação para desenhos de figuras, com maior destaque para o desenho de cabeças. Apesar de ter sido elogiado pelo seu desempenho nas aulas, o poeta nunca teve a oportunidade de seguir com seus estudos em decorrência da morte de sua mãe (FIGUEIREDO, 2008).

Em véspera de sua morte, no dia 24 de fevereiro de 1879, à noite, lia-lhe eu uma carta chegada do Rio, em que o distinto pintor Victor Meireles, respondendo uma outra carta, que lhe fora escrita pelo padre F. Pedro da Cunha, dizia ao meu pai haver falado ao Imperador D. Pedro II, que me oferecia uma pensão de estudo para eu estudar pintura na então Escola de Belas Artes, com direito a uma viagem à Europa. Entretanto, como minha mãe falecesse no dia imediato, e eu visse o estado de abatimento em que ficara a alma carinhosa de meu pai, deixei de atender essa oferta, para acompanhar, de perto, as saudades de toda a família. Com a morte de minha mãe, atirei-me ao trabalho da roça lavrando a terra e dela retirando o necessário para ajudar a família (FIGUEIREDO, 2008, p. 10).

O poeta acaba por ir trabalhar com seu pai, então aposentado e tendo conseguido emprego de Partidor e Contador numa Escritania de Órfãos, escrevendo óbitos, faz esse trabalho até a morte de seu pai em 1881, mesmo ano em que começam as obras de construção do Farol da Ilha do Arvoredo (FIGUEIREDO, 2008).

Órfão de pai e mãe, tendo perdido o emprego de escrivão de óbitos, Araújo Figueiredo se vê com a obrigação de sustentar sua tia Felicidade, que continuava a morar na localidade de Coqueiros e que estava com idade avançada, bem como seus quatro irmãos menores (FIGUEIREDO, 2008).

Não conseguindo emprego fixo, o poeta procura com indicação de um parente, também tido como poeta, emprego na tipografia do periódico *A Regeneração*, que anos antes havia publicado o poema em homenagem a sua falecida mãe. Começa então, a trabalhar de tipógrafo e volta a se dedicar a escrever suas poesias, que nesse período, não passavam de recitativos unicamente feitos para serem cantados ao violão, nas suas saídas noturnas, pelas esquinas tenebrosas das ruas da Capital, vários deles tendo como musa uma prima de nome Maria, primeiro amor do poeta (FIGUEIREDO, 2008).

No ano de 1884, se intensificam em Santa Catarina, as campanhas para a abolição dos escravos no Brasil, Araújo Figueiredo acaba por se aliar a um grupo que lutava pela emancipação dos escravos. Esse grupo cria um jornal para dar vazão aos seus ideários abolicionistas, intitulado *O Abolicionista*. O jornal, contou em suas fileiras com nomes como do professor Bueno de Gouveia, Teotônio Costa, Henrique Schutel, Alfredo Albuquerque dentre outros (FIGUEIREDO, 2008).

O Clube Abolicionista foi fundado em 1884, nas dependências do Clube 12 de Agosto, e um jornal – *O Abolicionista* – também passou a circular no mesmo ano por um breve período. As atividades mais vistosas do Clube Abolicionista (e do abolicionismo em geral no Desterro) foram as arrecadações para a compra de alforrias em festas e bazares, bem como a sensibilização de parte da classe de proprietários de escravos, que parecem ter aderido tardiamente à “causa”, talvez movidos menos por suas convicções do que por uma leitura mais ou menos acurada do novo sentimento geral de reprovação da escravidão. (LIMA, 2002. p.21-22)

Nesse jornal Araújo Figueiredo publicou alguns sonetos, tendo como linha a escola romântica, escrevendo sobre o amor idealizado, a liberdade e a vida bucólica na ilha, inspirados nas suas leituras de Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves (FIGUEIREDO, 2008).

Por divergências de pensamento com os demais funcionários da tipografia onde ainda trabalhava, aliado as horas exaustivas de trabalho e a parca remuneração que recebia, Araújo Figueiredo resolve deixar definitivamente o trabalho, apesar de ser muito bem tratado pelo gerente Alexandre Margarida e pela sua esposa. Como o próprio Araújo descreve desse período:

Mas o que mais me enervava e desesperava, nessa luta de todas as horas, era o ter eu de suportar as idéias atrasadas de muitos desses homens de redação do jornal, com as suas caturrices a respeito do novo ideal que me passava seguidamente pelo espírito, quando me obrigavam a discutir a escola de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Losada e Horácio de Carvalho, os quais eram por mim ouvidos numa tasca à rua da Cadeia, de propriedade do pai do último, na qual se achava empregado Santos Losada, na qualidade de caixeiro.[...] E quando eu lhes falava no grupo que vinha de surgir, fulgurante nas suas idéias simbólicas, atiravam-me eles os mais vis apodos, ou, às ocultas, com medo de mim, que não os perdoava, tramavam, de pais a filhos, tudo quanto entendiam, para me prejudicarem na vida comum e mesmo interina (FIGUEIREDO, 2008, p. 10).

É interessante observar que os conflitos que angariou com seus companheiros de gráfica se deram por defender uma nova cena poética, baseada no simbolismo, de um grupo que futuramente participaria ativamente como membro. Aos dezenove anos o poeta deixa a tipografia e volta para Coqueiros, onde passa um período trabalhando no campo, para tentar sustentar sua família em situação de pobreza e fugindo de suas obrigações para percorrer as lindíssimas praias do lugar e sair com amigos simpatizantes da escrita poética (FIGUEIREDO, 2008).

Nessas noitadas, jantando em casa de amigos, dentre eles um alfaiate de nome Thimóteo, encontrava vez ou outra o poeta Cruz e Sousa, e acabavam saindo beber, cantar, recitar versos para mulheres e passear pelas praias de Desterro.

Uma vez ou outra lá se achava também, nesta casa, que o meu espírito recorda com tantas saudades, o nosso querido Cruz e Sousa, sempre metido em roupas claras, com uma bengala mefistofélica, cor de âmbar e uma linda flor à lapela. Quando esse chegava, havia, no entanto, um quer que fosse de respeito, embora na camaradagem ele não se distinguisse dos companheiros, menos nos tragos a caminho, pois o Cruz e Sousa nem de leve suportava o álcool (FIGUEIREDO, 2008, p. 19).

Esse grupo de amigos boêmios de aspirações literárias, procuravam criar periódicos literários nos quais pudessem exercer seus dotes poéticos, porém, esses periódicos duravam apenas alguns meses, deixando com dívidas os seus redatores. Um ponto positivo desses periódicos era o de tornar ativos seus participantes, não deixando morrer o desejo de tornar o nome de seus escritores relevantes (FIGUEIREDO, 2008).

Outro ponto, são as críticas feitas por Cruz e Sousa a esse grupo, no qual fazia parte Araújo Figueiredo, instilando novas formas de escrever e entender a poesia, as ideias simbolistas, de modo a romper com o pensamento da escola romântica ainda enraizado nas escritas dos colegas (FIGUEIREDO, 2008).

Passando dificuldades e sem poder mandar dinheiro para sua família, Araújo Figueiredo teve que voltar a trabalhar com tipografia do *Jornal do Comércio*, pertencente a José da Silva Cascaes, que intitulava como “imparcial” o seu periódico. Mesmo se dizendo imparcial, o jornal pendia para o conservadorismo, atacando muitas vezes em seus editoriais políticos e pensadores liberais, entre os atacados, estava o amigo Cruz e Sousa.

Sem meios para viver, entrei para a tipografia do Jornal do Comércio e aí permaneci algum tempo, embora contrariado, porque a arte gráfica muito me atormentava o espírito. O que maiores tormentos, me dava era a obrigação que eu tinha de ver passar por minhas mãos os escritos de homens falsos, de idéias mesquinhas, que se tornavam, nesta terra, gratuitamente, inimigos do querido poeta Cruz e Sousa (FIGUEIREDO, 2008, p. 20).

Araújo Figueiredo não permanece muito tempo trabalhando no Jornal do Comércio. Desentende-se contra um colaborador do jornal vindo do norte devido uma charge racista sobre Cruz e Sousa, e após uma briga na sala de composição deixa o Jornal, por não aceitar que o dito colaborador "possa enxotar da nossa querida terra, os seus filhos mais ilustres e belos pelo talento e nobreza de caráter." (FIGUEIREDO, 2008, p. 22).

Nessa época, mostra algumas poesias a Cruz e Sousa, que havia voltado depois de um tempo passado no Rio de Janeiro, após desavenças com seu anfitrião. Cruz e Sousa estimula que Araújo continue escrevendo.

Em 1888, mesmo ano em que acontece a abolição da escravatura no Brasil, contando com 24 anos, Araújo Figueiredo publica o livro *Madrigais*. Livro composto de poesias ainda muito ligadas as ideias românticas, onde figuravam a simplicidade do homem do mar e do homem humilde, o amor idealizado e a beleza do entardecer, as praias catarinenses, a vida no sítio, dentre outros temas (FIGUEIREDO, 2008).

Aos 26 anos, em 1890, Araújo Figueiredo é expulso de Santa Catarina junto com 4 de seus companheiros, P. Paiva, Virgílio Várzea, Ledio Barbosa, Cruz e Sousa, devido a ação desses e de outros colaboradores, no jornal *Tribuna Popular* e no *Gil Braz*, um pequeno jornal ilustrado, que acabou por incomodar gente poderosa da política catarinense (FIGUEIREDO, 2008).

Partiu a bordo do paquete Rio Grande, com destino ao Rio de Janeiro. Havia sido obrigado ao exílio pelo Major Firmino Rego, o quarto governador do Estado (28 de setembro de 1898 a 28 de setembro de 1902).

Em uma tarde de janeiro partia eu, inesperadamente, para o Rio de Janeiro, depois de açoitado por um porta voz daqueles que, já muito antes diziam, à boca cheia, que os cinco iriam, um a um, para fora, deportados, de forma a ficar a terra catarinense desinfetada. E tantas intrigas teceram, tão vis intrigas sugeriram, que tocou-me a vez de ser o primeiro dos quatro bandeirantes a seguir rumo da barra, negando-se-me toda a justiça, todo o amparo, todo o carinho. Falo apenas dos quatro, porque nesse tempo, o Santos Losada morava em Itajaí, e exercia as funções de promotor público, anteriormente nomeado pelo Dr. Gama Rosa (FIGUEIREDO, 2008, p. 40).

Chegando no Rio, é recebido por Oscar Rosas, que o apresenta a Olavo Bilac e Raul Pompéia, entre outros. Na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, consegue trabalho num pequeno jornal, e depois, junto com Cruz e Sousa no jornal *Cidade do Rio*, pertencente a José do Patrocínio, grande líder abolicionista. Faz amizades e é apresentado a vários poetas, escritores e jornalistas (FIGUEIREDO, 2008).

Alegando crise monetária, o jornal "Cidade" dispensou Cruz e Sousa da redação, não demorou muito, Araújo Figueiredo briga na redação e se demite, ficando os dois poetas na rua, sem emprego e endividados. Muitos dos escritos do poeta publicados e escritos no Rio de Janeiro, nessa época continuam sem um estudo aprofundado e sem publicação.

Volta para Santa Catarina em seguida, aos 27 anos, tendo fracassado em conseguir se sustentar no Rio de Janeiro. É nomeado secretário do Dr. Marcelino Bayma, que vinha para Santa Catarina para negócios de Estado. Foi o doutor que conseguiu para o poeta trabalho em 1891, como promotor em Tubarão (FIGUEIREDO, 2008).

Em 1892, na cidade de Tubarão, Araújo Figueiredo conhece e casa com Maria Conceptta Renzetti, italiana vinda da cidade Gênova. Na sua passagem na cidade de Tubarão, acaba por se tornar amigo do Juiz de Direito, tido como inflexível em suas decisões. Devido a esse contato, sua casa é depredada por bandidos, a mando de inimigos políticos e ele tem que fugir escondido da cidade.

E, conquanto soubéssemos que à margem direita do Rio, desde a casa onde a força se achava aquartelada, até a Ponte Grande, estendiam-se algumas sentinelas, lá vim eu rio abaixo, nessa canoa patroada por um negro de minha confiança e por um seu companheiro. [...] Minha mulher achava-se grávida de três meses; e como ao passarmos pela frente do quartel, ouvíssemos um tiro, cujo projétil atravessava felizmente as linhas de cima do toldo, abafou um grito no côncavo de um lenço e deu para tremer e chorar. E para maior aflição dessa alma de tão nobres estremecimentos de bondade e abnegação, a noite tornava-se profundamente tenebrosa, como se sobre as nossas cabeças caíssem todos os mantos de Satanás. Nem uma estrela, nem uma nesga de céu azul! O vento rodopiava por cima de nós, e tinha uivos de animal faminto! A chuva caía em lençóis geladíssimos, os trovões se sucediam como tiros de canhões, após os ziguezagues vermelhos dos relâmpagos, os quais, no entanto pedíamos não cessarem para nos mostrarem as águas tenebrosas do rio, e as suas numerosas sangas e precipícios. Felizmente chegamos à Laguna quando o dia raiava, através dos musgos e sedas que a luz do sol imprimia acima dos morros distantes. Mas minha mulher abortara; havíamos perdido o primeiro fruto da árvore nova do nosso grande e veemente amor. Um mês depois era eu removido, na qualidade de promotor, para a comarca de Tijucas, tendo de deixar na encantadora cidade da Laguna [...] (FIGUEIREDO, 2008, p. 61).

Em 1893, estoura no Rio Grande do Sul a Revolução Federalista. Tal Revolta havia iniciado após a Proclamação da República, com a Carta Constitucional de 1891 tinha por objetivo instituir uma nova ordem política do Brasil, onde diversas facções lutavam pelo controle dos estados (FIGUEIREDO, 2008).

Com a política extremamente centralizadora de Marechal Deodoro da Fonseca, ocorreu uma cisão no exército, onde parte era a favor do Presidente e outra parte queria que ele renunciasse, assumindo o seu vice, Floriano Peixoto.

Ao nomear juntas governativas para administrar, provisoriamente, cada unidade da recém-criada federação, Deodoro desgostou facções regionais. O cenário econômico financeiro também era preocupante. Nele eram incluídos fraudes, especulações desenfreadas, empréstimos feitos por critérios pouco técnicos e multiplicação temerária do meio-circulante. Some-se a isso a tendência centralizadora do Marechal, e entende-se o advento de cisões e

dissidências que tornaram impraticável sua continuidade à frente do governo. Novo esforço de coordenação e lança-se o nome do Marechal Floriano Peixoto. Empossado (23/11/1891), promoveu o afastamento dos grupos regionais que haviam apoiado seu sucessor, fato gerador de novas tensões. No Rio Grande do Sul foram apeados do poder Júlio de Castilhos e seus correligionários. Em 1892 Júlio de Castilhos é reconduzido ao poder, mas seus adversários, inconformados, iniciam atos de hostilidade que culminam com a guerra civil, ou Revolução Federalista (fevereiro de 1893 a agosto de 1895) (MOREIRA, 2012, p. 2).

Na época dessa Revolução, foram criados em Santa Catarina batalhões de patriotas e guarda nacional, em Tijucas, foram criados dois batalhões de infantaria e cavalaria da guarda nacional. Mesmo não querendo saber da Revolução Federalista Araújo Figueiredo acaba por ser nomeado major fiscal do segundo batalhão, mesmo sem ter nenhuma experiência militar. Alguns meses depois acusado de mau serviço, ele é retirado do cargo (FIGUEIREDO, 2008).

Nesse ínterim, nasce sua primeira filha. Com complicações no parto sua mulher convalesce e ele pede alguns dias para poder auxiliar nos cuidados dela. Enquanto isso, tropas legalistas estavam em Tijucas, para prender os participantes do governo vigente, no qual, Araújo fazia parte.

Por esse motivo, e porque continuassem em Tijucas, as vozes de assalto de um pelotão das forças do General Pinheiro Machado, a essa ilha, com o fim de prender as autoridades, pedi ao governo uma licença a qual findaria a 13 de abril, dia em que eu teria impreterivelmente de me apresentar ao Juiz, nessa comarca. [...]cumpridor dos meus deveres, no referido dia 13 de abril, despedi-me da mulher e da filha, e botei-me a caminho da vila, montando uma égua de minha propriedade.[...] À frente da venda da Carolina Alemã, na Serraria, onde apeei-me para endireitar os arreios da égua, pude então perceber, clara e distintamente, que uma voz gravíssima me dizia: – Volta, não prossigas na tua viagem! E voltei, tendo exclamado as seguintes palavras: – O diabo carregue tudo quanto for emprego público, e todos os políticos (FIGUEIREDO, 2008).

Esse aviso sobrenatural recebido por Araújo livrou-lhe de ser preso pelos legalistas e mudou sua vida, pois, é a partir desse acontecido que o poeta vai começar a estudar o Espiritismo, que vai ditar suas ações até o fim de sua vida. Ele contava então, com 29 anos (FIGUEIREDO, 2008).

Com o fim da Revolução Federalista, o poeta pode deixar de se esconder, voltando aos seus escritos. Nesse interim, teve que trabalhar como olheiro e vender seus livros para angariar fundos. Viajou para Santos onde trabalhou como tipógrafo e em alguns jornais (FIGUEIREDO, 2008).

Segundo Junkes (1979), no ano de 1904, perto dos 40 anos, Juvêncio de Araújo Figueiredo publica se livro *Ascetério*, agora de caráter simbolista, altamente influenciado pelas ideias de seu amigo Cruz e Sousa e do tempo que viveram juntos.

De volta a Santa Catarina, ainda passando dificuldades financeiras, o poeta é nomeado Secretário da Superintendência Municipal de São José, ficando no cargo por cerca de 4 anos, conseguindo alguma estabilidade financeira (JUNKES, 1979).

Consegue resolver seus problemas financeiros e se estabilizar economicamente apenas com 46 anos, graças ao amigo Santos Lostada, que lhe arruma emprego de amanuense no Congresso Estadual de Santa Catarina. Araújo Figueiredo falece no dia 6 de abril de 1927, deixando nove filhos: Desdêmona, Smyrna, Elzebbad, Floresbella, Antônio, Débora, Maria Conceptta, Luiz e Isabel, e a esposa, Maria Conceptta (JUNKES, 1979, p.99).

2.1. Sobre a obra *Ascetério*.

A obra *Ascetério*, foi publicada no ano de 1904, pelo poeta catarinense Juvêncio de Araújo Figueiredo, quando este estava com cerca de 40 anos.

A obra é composta por 70 poemas, sendo dois deles extensos, respectivamente o primeiro denominado *De Joelhos* e o último, denominado *No Cemitério*.

O poema *De Joelhos* inicia com um terceto, na sequência é formado por 83 dísticos e finalizado com uma sextilha. Por ser o poema de abertura, ele dá ao leitor o tom da obra, baseada no simbolismo.

Temos a presença sobrenatural da religião, do misticismo, o subjetivismo, a linguagem vaga, fluida, que preza pela sugestão, o pessimismo, dor de existir e a retomada de elementos do Romantismo. Esse poema é dedicado a Maria, prima e grande amor do poeta, nele o autor descreve um amor imaterial, permeado de brumas e misticismo, onde o poeta, que vive em sombras, se ajoelha frente a amada que retorna. Como vemos no trecho abaixo:

Toda a minha vida em certos dias
Era mais triste do que céus cobertos
De desolantes nostalgias...

E mais que o luto de um corvo,
Por um luar terrivelmente torvo.

E mais que a quente mortalha
De fumo, a sepultar o horror de uma batalha.

E mais que um vento maldito
Que varresse uma estrela no infinito.

E mais do que um cemitério;
Mais do que esse misterioso Império...

Mais do que esse Império de cousas
Em plena transição, sob a mudez das lousas...

E mais, imagem querida,
Do que a voz que clama uma crença perdida,

Como a alma fria de um buda
Rezando à lua inteiramente muda.

Mas eis que me vens, Maria
Por um maio de sol, cheio de pedraria.

E bem que lembras um lótus
Vindo através de séculos remotos...

E abres em mim uma ânsia
De vivo, extremo amor, de consolo e fragrância;

Tu, tendal aberto em flores
Na estrada negra e atroz dos meus sonhos e dores;

[...]

Os outros 68 poemas são estruturados na forma de sonetos que é uma estrutura literária poética com forma fixa, sendo constituída por catorze versos, dos quais dois são quartetos (conjunto de quatro versos) e dois tercetos (conjunto de três versos). Essa característica de cultivo de formas fixas para o poema, também é uma característica presente na escola simbolista.

Podemos afirmar que o livro *Ascetério*, apresenta características como: a linguagem sugestiva, apresentada de forma indireta e figurada, repleta de sinestésias, aliterações e metáforas, a presença do resgate de valores e ideais que estavam esquecidos: o amor, a vida, a morte, o espírito, o sonho, o tudo, o nada, o bem, o belo, o sagrado, a relação do homem com o sagrado, a vida após a morte. Como veremos a seguir:

A tua sombra

Se a sombra que te segue, noite e dia,
Ora ao teu lado esquerdo, ora ao direito;
Ora diante do teu próprio peito;
Ora atrás dos teus ombros, fugidia...

Se a sombra que te segue, noite e dia,
Ora alegre, talvez! Ou com o aspecto
De causar medo, de causar respeito,
Uma vez te falasse, o que diria?

Ah! essa sombra que, dessa maneira,
Te segue o corpo, pela vida inteira,
Desde a infância à velhice, ao extremo norte...

Ela nunca diria coisa alguma,
Como a tua alma que não sabe, em suma,
Por que caminhos andarás na morte.

O poema *A tua sombra* é um soneto formado por 14 versos, 2 quartetos e dois tercetos. No que refere-se ao seu esquema métrico observamos que em sua maioria os versos são decassílabos (versos com dez sílabas poéticas), exceto o segundo e o décimo primeiro versos que são alexandrinos (versos com 12 sílabas poéticas) e o nono verso, que é um eneassílabo (verso com nove sílabas poética). Nesse sentido, foi observado que o autor procurou empregar em seus poemas a estrutura de versos decassílabos, mas, não de forma rígida uma vez que os poemas do livro *Ascetério* apresentam pequenas variações da quantidade de sílabas em alguns versos para que conseguisse uma rima ou um melhor efeito poético.

No poema *A tua sombra* o eu-lírico, nos apresenta a sombra como elemento simbólico que representa a escuridão do homem, que o segue de perto, dia e noite e da qual não pode fugir. Esta sombra que nada diz, pode ser substituída no poema pela morte que é citada no último terceto, pois assim como

a sombra está com o homem " *Desde a infância à velhice*", do mesmo modo está a morte.

No soneto "*Minha mãe*" formado por 14 versos decassílabos (exceto os versos 5 e 8, que são hendecassílabos, formados por 11 sílabas), o eu-lírico inicia descrevendo a mãe como "*Velhinha de cabelos cor dos linhos*" para logo na sequência esta imagem realista dar lugar a um ser de inalcançável pureza como observamos nos versos "*Pois de teus olhos escorriaminhos/ com os quais os corações purificava*". Nesse e em outros poemas de Araújo Figueiredo as mulheres são retratadas como seres divinos que triunfam sobre a matéria, característica do movimento simbolista. Notamos ainda a presença da temática da morte e da perda na terceira estrofe do poema, tema que é recorrente no trabalho do autor.

Já na última estrofe o eu-lírico procura através da religiosidade externar o seu desejo de que sua mãe idealizada esteja na presença de Jesus com toda a glória que merece. Para tanto, o autor constrói nessa estrofe uma imagem sinestésica de muita beleza, na qual a mãe deveria receber "*Toda a carícia que nos céus floresce/ Todo o flavo esplendor do Sete-Estrela*", ou seja, ela deveria estar envolta por uma aura dourada e brilhante igual o brilho das Plêiades.

Minha mãe

Velhinha de cabelos cor dos linhos,
Meiga velhinha que no mundo andavas
Pelas urzes e cardos dos caminhos,
E tão sentidas lágrimas choravas.

Tu que nunca magoaste os passarinhos,
Tu que as feras sinistras abrandavas,
Pois dos teus olhos escorriaminhos
Com os quais os corações purificavas...

Onde estarás depois que me deixaste,
Depois que os olhos límpidos fechaste
Da morte no amoroso pesadelo?

É meu desejo que Jesus te desse
Toda a carícia que nos céus floresce,
Todo o flavo esplendor do Sete-Estrela.

Assim como no poema "*Minha mãe*" o poeta apresenta em vários dos poemas presentes na obra *Ascetério* a importância da figura materna bem como,

da família. Encaixam-se nesse perfil os poemas "*De volta...*", que fala sobre a volta do eu-lírico junto a mãe de seus filhos para casa em um Domingo de Ramos, "*Do tendal das estrelas*", que é uma declaração de amor as mães, "*Corações eleitos*", poema no qual o eu-lírico expressa o desejo de passar toda sua existência com a mãe de seus filhos, "*Velhinha amada*", que fala sobre perda, "*Não maldigas*" poema que faz alegoria entre a terra e a mãe, o poeta ainda possui poesia destinada ao pai e a filha falecida.

Seguindo nossa análise, observamos outra característica simbolista marcante nos poemas do livro *Ascetério*, o culto ao mistério e a religiosidade. Não são raros os versos que expressam a religiosidade cristã e espírita de Araújo Figueiredo. Como exemplos, podemos citar o poema "*Na Cruz*", no qual o poeta faz ligação entre os sofrimentos e tristezas do passado rememoradas nas horas de meditação solitária ao ato de ser pregado na cruz como Cristo "*Quem pregou nessa cruz esses seus teus frágeis braços?/ Quem te lançou à boca a esponja da tortura?/ [...] Numa hora de repouso, e de recolhimento/ Eu sei o que é dor, de momento a momento*". A figura da cruz aparece também nos primeiros versos do poema "*Ao subir da montanha*".

No poema "*Sem amor*" na primeira estrofe o poeta escreve que para se viver uma vida de amor "*Faz-se mister que a gente, em êxtase, se inflame/ No que existe de luz nas crenças vigorosas,/ E ame o próprio inimigo, e as próprias pedras ame.*" em clara alusão a passagem bíblica na qual Jesus ensina que devemos amar os nossos inimigos. Em "*Corações eleitos*" o poeta novamente cita a figura de Jesus, pedindo-lhe que faça continuar florir o amor que sente pela mãe de seus filhos, assim como no poema "*Madalena*" no qual Araújo Figueiredo descreve o amor e o encontro da personagem do título com Jesus e o desfecho desse encontro.

Madalena

A princípio, era o seu amor a labareda
De unia grande fogueira, em campo raso, ao vento.
E o seu corpo trigueiro, ardente e penugento,
Vestia franjas de ouro, e urdiduras de seda.

Encontrando Jesus, na aromada alameda
Dos olivais em flor, sentiu no pensamento
Um tremor de volúpia, assanhado e violento;
Mas recuou, depois, e mudou de vereda.

Encontrando Jesus, quis lhe beijar a boca,
Porque por Ele andava ansiosamente louca,
E sentia no sangue uns venenos cruéis...

Mas, nessa tarde azul, calma e serena,
Por não poder beijar-lhe a boca, Madalena,
Ajoelhada no chão, buscou beijar-lhe os pés.

Podemos afirmar que a característica da religiosidade de Araújo Figueiredo é fruto de seu meio histórico e cultural essencialmente cristão, desta forma a ele podem ser atribuídas o mesma paradigma de criação poética que são outorgadas a Cruz e Sousa, seu amigo e maior expoente do movimento da poesia simbolista no Brasil. Sobre a escrita de Cruz e Sousa, Andrade afirma:

Ela será construída a partir de uma visão de mundo essencialmente cristã, colocará em jogo as tensões entre corpo e alma, entre sofrimento terreno e descanso no eterno. A "profunda unidade", a "igual grandeza" de que nos fala Cruz e Sousa surge a partir da contemplação de uma natureza além do plano material, alcançada por intermédio do sonho. (ANDRADE, 2004, p.7)

Aliados a essa ótica cristã também são observados em alguns poemas da obra *Ascetério* a existência de preceitos da filosofia espírita da qual o autor era estudioso e importante disseminador no estado de Santa Catarina. Temos exemplos desse pensamento em poemas como "*Interrogação*" no qual Araújo Figueiredo questiona "*De que altura teria descido ele/ a este mundo de anseios e tormentos?/[...] Ele, nos infinitos firmamentos*" ao falar sobre o coração, ou no poema "*Quando*" ao tentar o eu-lírico desvelar o que acontecerá após a sua morte nos versos "*Quando eu, num dia, pelo Espaço a fora,/ Por esse Espaço intérmino voar,/ Em que florida e luminosa aurora/ Terei a ave dos sonhos a cantar?*".

Contudo, é o poema "*Quem morre*" aquele que deixa mais evidênte o aspecto da filosofia espírita pois, o eu-lírico afirma que o corpo morre, mas a alma não, ela continua ascende do evolutivamente conforme continua em seu processo de aprendizagem, como vemos abaixo:

Quem morre

Quem morre solta, da misteriosa argila,
Do peito frio, um pássaro proscrito,
Que as asas abre, em rumo do infinito,
Às regiões da eterna luz tranquila.

Quem morre dessa forma, não vacila,

Embora a carne ruja, e solte um grito,
 Pois que observa um largo céu bendito,
 No pranto que lhe corre da pupila.

De quem amou com largo entendimento;
 De quem sofreu aspérrimo tormento;
 De quem orou com fé nos astros belos,

O delicado espírito, ascendendo,
 Vai, pouco a pouco, se compreendendo,
 Distante da Babel dos Pesadelos.

Após nossa análise da obra podemos afirmar que a mesma deve ser colocada no mesmo patamar de igualdade e ter a mesma reverência que as obras de outros grandes nomes do movimento simbolista brasileiro, como do seu amigo o poeta Cruz e Sousa, e dos poetas Alphonsus Guimarães e Augusto dos Anjos. *Ascetério* se configura como um grande e esquecido pilar do simbolismo brasileiro possuindo poemas com fortes componentes sensórios-afetivos, com versos rítmicos e melódicos, procurando criar imagens vinculados aos sonhos, a religiosidade, a morte, o amor, a família e ao sentimento de perda dos entes queridos. Sobre esses aspectos Portella (2009), descreve que:

Também o Simbolismo brasileiro, substituindo os elementos conceituais pelos componentes sensório-afetivos do verso, projetando uma poética além da lógica, introduzindo uma linguagem circunlocutória, especialmente interessada no valor sonoro da palavra, violentava substancialmente a estrutura do discurso tradicional. A comunicação passava a se efetuar através de sugestões fonéticas, imagísticas, de correspondências sinestésicas e de diversas outras conexões sensoriais (PORTELLA, 2009, p.214).

Concluindo, o poeta Araújo Figueiredo possui todas as qualidades e características inerentes ao simbolismo brasileiro, relevando em seus poemas, na maioria sonetos decassílabos, toda a sua criatividade e saber fazer poético construindo belos quadros sensoriais, com variedade de ritmos e uma linguagem relativamente simples e de fácil compreensão se comparadas a outros exemplos de poemas simbolistas, tratando de temas que facilmente encontram identificação com o leitor, como a figura materna, a religiosidade, o medo da morte, o desejo de ser amado e a tristeza frente a perda de entes queridos. Além de sua obra poética, a própria vida do autor possui elementos suficientes para torná-lo relevante no cenário histórico da produção literária catarinense e brasileira, nascido em Desterro participou de um dos maiores grupos de escritores e pensadores de Santa Catarina, o grupo "*Ideia Nova*", foi amigo

peçoal de Cruz e Sousa, maior referência ao movimento simbolista no Brasil, auxiliou em diversos jornais, tanto em Santa Catarina quanto no Rio de Janeiro e foi o introdutor e maior disseminador da filosofia espírita em território catarinense.

CAPÍTULO 3: Produção Midiática: Araújo Figueiredo

Nesse tópico, nosso grupo se propõe a relatar coletivamente como foi o processo de criação do projeto midiático e quais foram as principais dificuldades encontradas no decorrer desse processo.

Atualmente com o aumento do acesso da população as ferramentas tecnológicas de mídia e informação, observa-se um aumento substancial de programas, sites, blogs, especializados em literatura, tal situação abre a

possibilidade de aumentar a visibilidade da população em geral as produções literárias catarinenses, uma vez que ainda é pouco explorada nesse meio, seja através de filmes, videoaulas, podcast, blogs, audiobooks, resenhas, etc.

Desta feita, a literatura catarinense deve se apropriar dessas novas tecnologias para ampliar seu raio de ação e aumentar sua relevância dentro do cenário nacional, possibilitando o acesso e divulgação de obras e autores catarinenses junto ao grande público.

No nosso caso específico, tivemos como objetivo contribuir para o resgate e a divulgação da literatura catarinense através da produção de material audiovisual do livro *Ascetério*, de Araújo Figueiredo.

Para realizar esse objetivo, optamos por realizar a gravação em mídia audiovisual dos poemas que compõem a livro *Ascetério* de Araújo Figueiredo, formatando esses vídeos para que tenham qualidade aceitável em relação a som, luz e performance dos declamadores, criando também, um canal de Youtube, para postagem, compartilhamento e divulgação desse material, denominado "*Sebo Literatura SC*", que já está disponível no endereço: <https://www.youtube.com/channel/UCwEqBfp8y62KqX6oj9xBsVw/playlists>.

Iniciamos nosso relato metodológico de revisão bibliográfica e análise da obra e das etapas de desenvolvimento do projeto prático de gravação e postagem dos vídeos contando como foi a escolha do tema em questão. Nosso intuito era realizar como projeto de conclusão da pós-graduação algo que fosse realmente significativo e que fosse uma forma de divulgar a literatura catarinense, tão pouco conhecida e estudada no Brasil. Após algumas sugestões, optamos por gravar um livro de poesias catarinenses e compartilhá-lo numa das maiores redes atuais de compartilhamento de vídeos, o *Youtube*.

A escolha do *Youtube* se deu pelo fato de que este *site* de compartilhamento de conteúdo audiovisual possibilita que qualquer pessoa produza conteúdo e o disponibilize gratuitamente na plataforma audiovisual.

O *Youtube* foi lançado em 2005 por dois ex-funcionários do *Paypal*, *Chad Hurley*, *Steve Chen* e *JawedKarim*, porém sua popularidade ocorreu depois da

compra da plataforma pelo *Google* no valor de 1,65 bilhão de dólares em 2006. O *site* é classificado como um dos mais acessados do planeta, com aproximadamente 85 milhões de vídeos publicados (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17-18).

Para que possamos mensurar a popularidade e o grande alcance deste site, no ano de 2015 o *Youtube* contabilizou mais de um bilhão de usuários, ou seja, o equivalente a um terço de usuários da Internet. Além de compartilhar vídeos, o *Youtube* também disponibiliza um fórum para que os usuários e produtores de conteúdo possam se conectar.

Nossa primeira opção de escolha de autor foi Cruz e Sousa, mas acabamos por descartá-lo por ser muito conhecido. Desejávamos, portanto, trabalhar com outro poeta que fosse desconhecido do grande público, mas muito importante para a literatura catarinense. Após pesquisas de nomes que se encaixassem nesse perfil, chegamos a Araújo Figueiredo. O que nos chamou atenção no autor num primeiro momento foi o fato dele ser amigo de Cruz e Sousa. De resto, nada sabíamos sobre o ele (para encontrar os nomes dos escritores catarinenses, utilizamos a *Wikipédia*¹³, inicialmente).

Após a escolha, concordamos em procurar o livro e textos teóricos que falassem sobre o autor e sua obra, e essa foi a primeira grande dificuldade encontrada pelo grupo. Com o passar dos dias, pesquisando na internet material sobre o autor, constatamos que até para encontrar a obra *Ascetério* era uma tarefa realmente difícil. Nessa etapa inicial do projeto, pensamos seriamente em escolher outro autor com acesso mais facilitado em relação a material de pesquisa. Depois de muitas discussões, decidimos permanecer com o autor porque encontramos um *site* que disponibilizava virtualmente o livro. Nesse sentido, observamos que determinados livros por seu caráter histórico, sua importância, ou por estar fora de catálogo, devem, sim, estar disponibilizados para consulta em ambientes na internet, como por exemplo, as bibliotecas virtuais. Nesses termos, Rezende (2000) afirma que o conceito de biblioteca virtual:

¹³ É um website no qual os utilizadores podem modificam colaborativamente a estrutura dos textos, alterando, adicionando e removendo o seu conteúdo.

[...] está relacionado com o conceito de acesso por meio de redes a recursos informacionais disponíveis em sistemas de base computadorizada, criando a oportunidade de melhoria da qualidade dos serviços e produtos da biblioteca que devem visar à eficiência, à qualidade, ao serviço orientado ao usuário e ao retorno de investimento, mesmo que de forma indireta, otimizando a prestação de serviços da empresa em questão (REZENDE, 2000, p51).

Salientamos, também, que a falta de material para pesquisa sobre o autor nos assombrou durante todo nosso processo de escrita teórica, tanto do projeto inicial quanto da produção do relatório final.

Na sequência, enfrentamos, talvez, o principal problema para a consolidação do nosso trabalho, a procrastinação. Após o projeto entregue, escolhemos os poemas que cada integrante do grupo iria filmar. Por haver seis meses para a gravação dos vídeos, o grupo acabou por perder o foco, deixando de dar sequência ao andamento do projeto, postergando a filmagem dos poemas em detrimento de outras tarefas cotidianas, tidas como mais urgentes. Tínhamos também o entendimento de que para gravarmos os poemas precisaríamos de pouco tempo. Contudo, percebemos que estávamos completamente equivocados.

Faltando pouco mais de dois meses, para a entrega final do projeto concluído e do relatório escrito, iniciamos as gravações. Durante as gravações, não conseguíamos coincidir com nossos horários, palavras difíceis e pouco usuais presentes na lírica poética de Araújo Figueiredo faziam com que errássemos continuamente e tivéssemos que gravar várias vezes um mesmo poema.

Além disso, quando estávamos finalizando as gravações, tivemos problemas de ordem tecnológica, o computador onde estavam arquivados os vídeos gravados, teve de ser formatado, fazendo com que perdêssemos grande parte do que ainda não tínhamos postado na nuvem como *backup*¹⁴.

¹⁴ Cópia de segurança dos dados (informações) de um dispositivo de armazenamento (celulares, tablets, computadores) ou sistema (aplicativos, softwares e jogos) para outro ambiente para que esses mesmos dados possam ser restaurados em caso de perda dos dados originais ou que ocorra um acidente.

Após mais sessões de filmagens, finalizamos as gravações dos poemas e foi dado início ao trabalhoso processo de formatação dos vídeos com o intuito de conseguir a melhor qualidade de som e imagem possível.

Ao final do trabalho, os vídeos foram disponibilizados no *Youtube*, através de um canal que criamos e chamamos *de Sebo Literatura SC*, e fizemos nosso relatório final, para conclusão do curso de pós-graduação em Linguagens e Educação a Distância, no Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao Polo de Treze Tílias.

CAPÍTULO 4: Considerações sobre o processo de construção do projeto midiático: acadêmica Juliana Aparecida Thomazi Samoura

No início da pós-graduação estava receosa sobre o que me esperava, pois havia o entendimento que a mesma se destinava a alunos que haviam concluído a graduação em Licenciatura em Letras, o que não é o meu caso, pois sou formada em Pedagogia. Porém, com o passar das disciplinas fui percebendo que estava conseguindo entender e aprender os conhecimentos referentes aos

usos das múltiplas linguagens no processo educacional e de formação pessoal que estavam sendo-me ofertados pela UFSC.

No momento de escolhermos qual seria o nosso objeto de pesquisa e de produção midiática fui reticente em escolher um tema baseado na literatura catarinense, pois é uma área que pouco conhecia. Sendo que lembrava apenas vagamente de ter estudado sobre o poeta Cruz e Sousa no meu Ensino Médio.

Todavia, após escolher o poeta que iríamos trabalhar (Araújo Figueiredo) e como seria o nosso trabalho, no qual além do trabalho escrito iríamos gravar seus poemas do livro *Ascetério* em pequenos vídeos para o YouTube, fiquei mais tranquila.

Como nosso projeto midiático de Resgate da obra *Ascetério* se trata, num primeiro momento, de um texto que prima pela concisão dos dados apresentados, ele precisa passar por um critério rigoroso de correção, no sentido de verificar a estruturação dos parágrafos e frases, garantir a clareza e objetividade retratadas pela linguagem, entre outros, coube a mim, pós graduanda Juliana Aparecida Thomazi Samoura, realizar essa etapa na execução da monografia. Durante o processo observei que o trabalho do revisor de texto, que nem sempre é visto como um trabalho que pode melhorar a qualidade dele, vai além da correção gramatical, mostrando a importância da revisão, para melhorar a qualidade dos trabalhos acadêmicos, facilitando a leitura e melhorando sua compreensão.

Percebi isso durante meu trabalho de revisão, pois conforme lia nosso texto, notava mudanças que poderiam ser feitas para melhorar a coerência e qualidade dele, por exemplo, suprimindo frases e termos repetidos, tendo ideias para dar novos rumos à nossa pesquisa de acordo com os objetivos que nos propomos.

Revisar é por vista a alguma coisa; é ler o texto a fim de consertar-lhe possíveis "erros", sejam eles relativos à estrutura (redação, digitação, tipografia etc.) ou ainda relativos ao aspecto linguístico de adequação do modo como o conteúdo é apresentado/exposto (ROCHA, 2012, p. 36).

Ao revisar nosso trabalho procurei compreender aspectos do texto com um todo, desde sua escrita, até seu formato de apresentação. Assim, compreendo que todo texto deve ser submetido a uma correção ortográfica e de sintaxe, nas quais se deve observar a ortografia, a pontuação, o vocabulário e as repetições de palavras, as ambiguidades e outros vícios de linguagem, concordância, regência, colocação pronominal, abertura de parágrafos e coerência.

Em relação à origem do processo de revisão, pesquisando, descobri que não se sabe quando e como surgiu a revisão de textos enquanto intervenção profissional no texto do outro.

Mas o certo é supor-se que seu surgimento deu-se a partir do momento em que o homem fez seus primeiros registros como uma tecnologia historicamente criada de interação, não importando o suporte empregado – paredes de cavernas, argila, osso, papiro, tábua, papel – e a consequente intervenção do interlocutor (revisor e/ou leitor) como aquele capaz de interagir com o texto com possibilidade de mudá-lo (ROCHA, 2012, p. 35).

Ao analisar a importância de meu trabalho como revisora, cheguei à conclusão de como seria difícil esse trabalho antes da era das novas tecnologias e da internet, reescrevendo e anotando dicas e informações em pilhas de papel até se chegar no texto final do trabalho, livro, artigo, dentre outros textos escritos. Isso me fez pensar em quantas versões o livro *Ascetério* teve até chegar em sua forma final.

Com o surgimento de novas tecnologias e da internet, o trabalho com o papel foi se tornando defasado e hoje em dia o trabalho dos revisores de texto já foi quase totalmente digitalizado, o que contribui para a quebra de fronteiras geográficas no trabalho destes profissionais, vimos isso na nossa troca de textos através de e-mail e pela plataforma do Facebook.

Não deixando de mencionar que para realização desta função, o revisor precisa estar livre para se posicionar frente ao objeto de análise, levando em consideração alguns aspectos voltados para a análise dos argumentos apresentados, verificação da possibilidade de se tornar público, particularmente,

dos textos acadêmicos, a revisão de texto e de um trabalho de qualidade e credibilidade que facilitam o entendimento do leitor e a importância do trabalho do profissional em revisão de texto. Nesse sentido, eu tive total liberdade para modificar, dar dicas, suprimir o que achava desnecessário no texto produzido pelos meus colegas, isso me dava confiança e liberdade para realizar a minha função.

Outra função realizada por mim, foi observar se o texto estava ou não dentro das regras da ABNT, imprescindível para a estética, organização do nosso trabalho e aprovação no meio acadêmico. Compreendo que a normalização textual, que é uma questão alvo de estudos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, é uma necessidade que possui ampla aceitação por parte do mercado editorial, acadêmico e científico, fazendo com que textos do mesmo gênero tenham formato e estrutura semelhantes.

a norma não existe por ordens verticais e imperativas, mas a partir da percepção de que a não adoção de um padrão pode acarretar na continuidade de um dano ou não melhoria. [...] se não há elementos dispostos segundo uma ordem lógica estabelecida pela comunidade que dela se utiliza, haverá a dificuldade de identificação desses elementos e, até mesmo, a perda de algum deles, devido a desconsideração ou seguimento de normas. No meio científico, temos essa máxima fortemente presente, basta verificarmos trabalhos acadêmicos apresentados com ausência ou emprego incorreto de elementos básicos (SAMPAIO, 2011, p. 30).

Saindo dessa área de revisão e formatação do nosso trabalho acadêmico, outra função realizada pela pósgraduanda dentro de execução deste trabalho, foi a gravação dos vídeos referente as poesias do poeta catarinense Araújo Figueiredo.

Para gravar, nos encontrávamos semanalmente na casa de um dos integrantes do trabalho, geralmente nas sexta-feiras, à noite. Pensei que a gravação seria a parte mais fácil do nosso trabalho, que seria só ligar a câmera e ler os poemas, mas já nas primeiras tentativas vi que não seria dessa forma. Cada poema era um desafio a ser superado, todos nós errávamos muito. No começo eram só vinte poemas para gravar, no fim, e esses vinte pareciam nunca chegar ao fim.

Tive que gravar vídeos que falei muito baixo, que gaguejei, no qual errei palavras, no qual a imagem ficou desfocada, além de barulhos que apareciam ao fundo das gravações, pois não tínhamos um local de gravação adequado, à prova de ruídos. A gravação demorou quase dois meses, mas enfim conseguimos terminar, o que causou uma verdadeira festa. Claro que ainda faltava editar os vídeos e postá-los na plataforma do *YouTube*, mas a maior parte do trabalho estava concluída.

Concluindo, a experiência do projeto midiático demandou muito esforço e dedicação, houve vários momentos que devido à sobrecarga de tarefas diárias pensei em desistir, mas o final foi recompensador, principalmente por todo o conhecimento que adquiri ao longo desse processo. Nosso projeto de Alfabetização Midiática e Resgate do livro *Ascetério* de Araújo Figueiredo reconhece o papel fundamental da informação e da mídia no nosso dia a dia, como centro da liberdade de expressão e informação, uma vez que empodera cidadãos a compreender as funções da mídia e outros provedores de informação, como por exemplo a literatura catarinense.

CONCLUSÃO

Concluimos que no nosso mundo atual a disseminação de informações ocorre muito mais por via virtual do que por via física, através do papel. Dentre a gama de informações compartilhadas nas mais diversas plataformas digitais, temos a Literatura, seja na forma de comentários e críticas sobre determinada obra, artigos científicos sobre escolas literárias, autores, livros, como também a própria obra disponível para leitura.

Porém, ao falarmos sobre a literatura catarinense, observamos que em detrimento da literatura produzida por outros estados, apesar de sua evidente qualidade, ela não é tão disseminada, estudada e compartilhada, ficando, como já citamos anteriormente, relegada a alguns entusiastas sobre o assunto e teóricos da área da literatura.

Compreendemos que o estudo da literatura catarinense, de extrema importância, não só para o debate sobre a literatura brasileira, mas também como fonte de informação e construção da identidade do povo de Santa Catarina. Desta forma, trabalhos que visem analisar ou promover a divulgação da literatura, da memória e da própria identidade do povo catarinense são imprescindíveis nessa nova realidade virtual em que nos encontramos inseridos.

Dentro deste paradigma, a construção de projetos midiáticos, como este que procuramos realizar, são formas de propagar e divulgar os escritores catarinenses, pois como já sinalizamos existem poucas páginas, artigos e vídeos destinados à literatura catarinense na rede. Muitas vezes, servindo estes projetos como porta de entrada para novos leitores das obras literárias e aguçando a curiosidade para a literatura de Santa Catarina. Nesse sentido, Martins afirma:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos e semânticos (MARTINS, 2004, p. 56).

Portanto, podemos dizer que na atualidade, as mídias sociais são ferramentas que criam intertextualidades, interdiscursividade, subjetivamente tocam o sentimento do leitor e ajudam a moldar sua visão de mundo e identidade. Nesses termos, a criação de novas estratégias tanto de leitura, como de apreciação de obras e sua divulgação podem ser excelentes ferramentas para a divulgação de matérias referentes a literatura catarinense, uma vez que a forma escrita não deve ser abolida em detrimento da forma audiovisual.

Finalizando, novos projetos midiáticos agregam valor e fazem a literatura alcançar diferentes espaços de debates e novos leitores, no nosso caso em específico para a obra de Araújo Figueiredo *Ascetério*, agora disponível em audiovisual no *Youtube*, no canal *Sebo literatura SC*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Raul Azevedo. **Simbolismo brasileiro**: Correspondências e divergências. Revista Ao pé da letra. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, p. 97-105, 2004.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009

CECCA. **Uma cidade numa ilha**: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. 2.ed. Florianópolis: Insular, 1997.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História da cultura catarinense**. Florianópolis: EDUFSC / DC, 1997. (p. 47 – 69)

CRUZ, Aline. **Onde está a Literatura Catarinense?** dos PCN's à biblioteca escolar. Florianópolis. UFSC, 2018.

D'EÇA, Othon. **Homens e algas**. – 4 ed. - Florianópolis: Insular, EdUFSC, 2003.

FIGUEIREDO, Juvêncio Araújo. **No caminho do destino**. Obras Raras da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (CEOR). Florianópolis, 2008. **LITERATURA BRASILEIRA**. Textos literários em meio eletrônico *Ascetério*, de Araújo Figueiredo. Florianópolis: ACL, 1966. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/asceterio-juvencio-3.htm. Acesso em 27 de maio de 2019.

FIGUEIREDO, Juvêncio Araújo. **Ascetério**. 1904. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/asceterio-juvencio-3.htm?fbclid=IwAR2ye7A3htlUnZuxBprrD96lerKHzTgSqaVY-k_0v-x_pnx3KCO-q96YUk0#DEJOELHOST. Acesso em 15/11/2018.

FLORES, Altino. **Textos críticos**. Organização e atualização ortográfica Lauro Junkes. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006.

HARO, Martin Afonso Palma de (organizador). **Ilha de Santa Catarina** - Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, 3º edição.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNKES, Lauro. **O mito e o rito**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

JUNKES, Lauro. **Presença da poesia em Santa Catarina**. Florianópolis :Lunardelli, 1979.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Henrique Espada. **Da escravidão à liberdade na Ilha de Santa Catarina**. Capítulo 9. Ufsc, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOREIRA, João Carlos. **Revolução federalista** – recrutamento e disciplina militar na formação do imaginário da república (1889 – 2012). Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2012/07/Jo%C3%A3o-Carlos.pdf>. Acesso em 23 de Junho de 2019.

PORTELLA, Eduardo. 2009. **O Universo poético de Alphonsus de Guimaraens**. In: Revista Brasileira, fase VII, abril-junho, ano XV. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/REVISTA%20BRASILEIRA%2059-EDITORIAL.pdf>. Visitado em 22 de junho de 2019.

ROCHA, Harrison da. **Um novo paradigma de revisão de texto**: discurso, gênero e multimodalidade. Brasília, 2012.

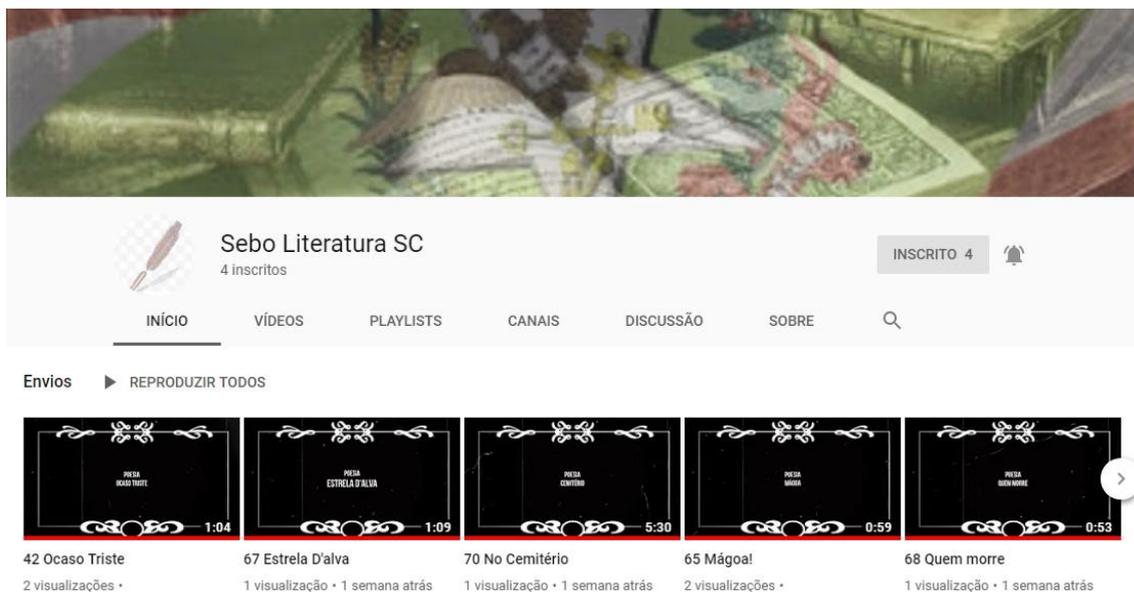
SAMPAIO, D. B. **Concepção de monografias sob o prisma da normalização**: um breve estudo sobre os papéis do orientador, do orientando e do normalizador na elaboração de uma monografia. Fortaleza, 2011, 58f. (Programa de Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

WEGNER, Felipe Henrique. **Santa Catarina vai à guerra**: a mobilização militar catarinense durante a Guerra do Paraguai. Universidade Federal de Santa Catarina (Trabalho de conclusão de curso), 2010.

APÊNDICES

Sebo Literatura SC, endereço:

<https://www.youtube.com/channel/UCwEqBfp8y62KqX6oj9xBsVw/playlists>



Sebo Literatura SC
4 inscritos

INSCRITO 4

INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS CANAIS DISCUSSÃO SOBRE

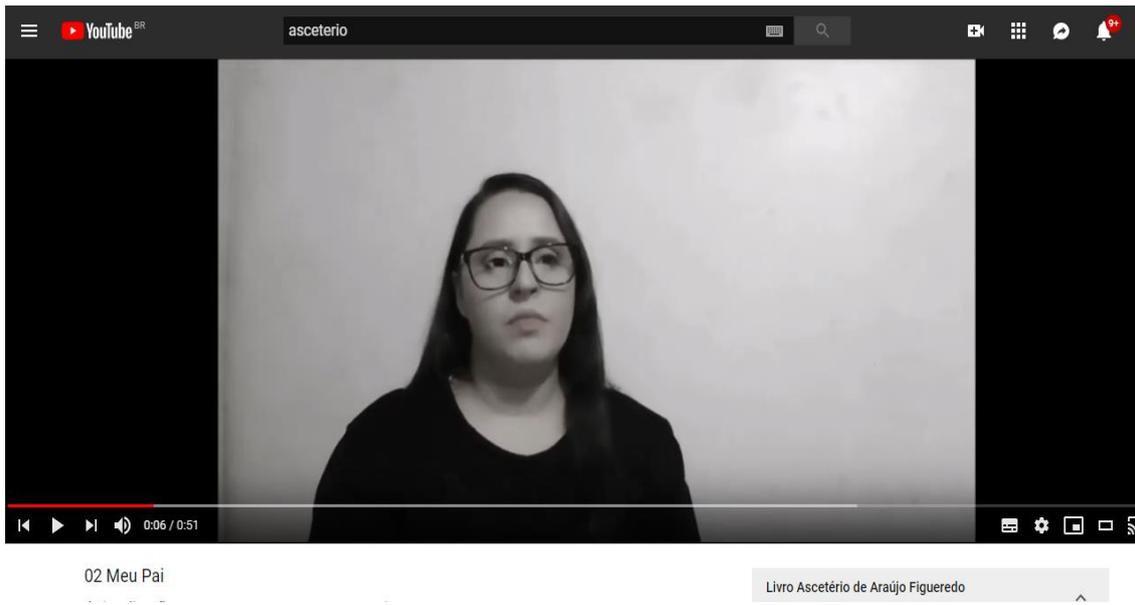
Envios ▶ REPRODUZIR TODOS

Thumbnail	Title	Duration	Views
	42 Ocaso Triste	1:04	2 visualizações
	67 Estrela D'alva	1:09	1 visualização • 1 semana atrás
	70 No Cemitério	5:30	1 visualização • 1 semana atrás
	65 Mágua!	0:59	2 visualizações
	68 Quem morre	0:53	1 visualização • 1 semana atrás

Vídeo do pós-graduando Jorge Adriano dos Santos:



Vídeo da pós-graduanda Mariéli Renata dos Santos:



Vídeo da pós-graduanda Juliana Aparecida Thomazi Samoura:



03 Minha Mãe

Livro Ascetério de Araújo Figueredo